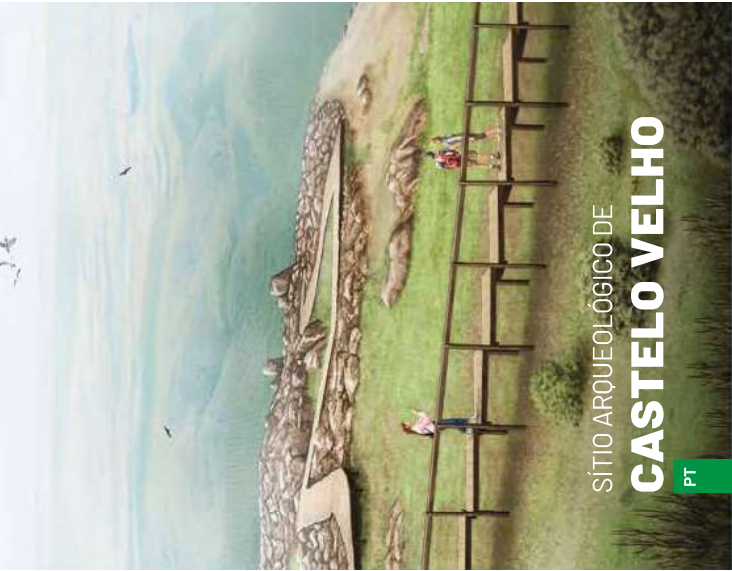
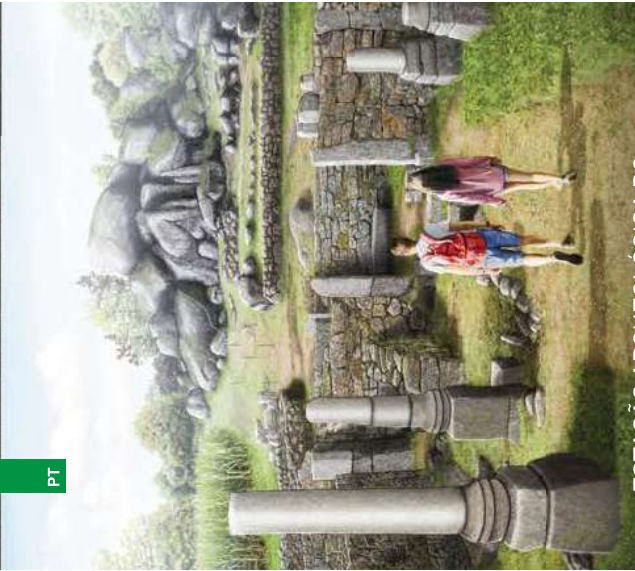




SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CASTELO VELHO

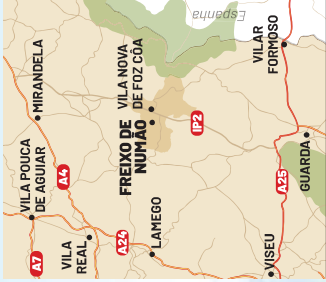
PT



PT

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO

PRAZO



MUSEU DA CASA GRANDE

Rua Direita
5155-246 Freixo de Numão
+351 279 788 117

<https://exploriefzcoa.pt/>

museudacasagrande@cm-fzcoa.pt

Informação:



SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CASTELO VELHO

As comunidades do Calcolítico (Idade do Cobre) escolheram cuidadosamente este lugar para erguer um conjunto de construções pois aqui dominavam um vasto território marcado pelo Monte de São Gabriel, integradas na paisagem, tornaram-se parte dela - num jogo de olhar e ser visto.

Implantado no topo de uma colina alongada, o Castelo Velho - datado do III e II milénio a.C. - ergue-se como um recinto de xisto reforçado com argila, organizado em torno de um traçado circular e sucessivos panos de muretes. Este lugar, moldado pela paisagem e pela mão humana, guarda ainda muitos enigmas, tornando-o um dos sítios arqueológicos mais notáveis deste período.

GESTOS, RITUAIS E SIGNIFICADOS

No recinto superior e na rampa de acesso foram identificados vestígios de práticas coletivas de caráter simbólico, incluindo deposições intencionais de objetos - pesos de tear, peças em cobre e ouro - e vasos deliberadamente fragmentados.

Torre maciça com rampa de acesso

No interior do recinto encontram-se sete estruturas de planta circular.

Murete que integra o recinto murado.

Murete exterior parcialmente preservado.

Desconhece-se ainda a função exata da maioria das construções aqui identificadas. Contudo, a organização do espaço e os vestígios encontrados sugerem que este lugar assumiu um significado particular para as comunidades que o frequentaram.



Vaso cerâmico (Calcolítico)

UMA LONGA HISTÓRIA...

As ruínas que hoje observamos testemunham um monumento que atravessou os milénios, desde a sua construção, há cerca de 5.000 anos, até à Idade do Bronze. Ao longo desse tempo, o espaço foi-se transformando, marcado por gestos com forte carga simbólica - alguns deles ainda por compreender. Por volta de 1300 a.C., foi intencionalmente coberto por pedras, embora certas estruturas tenham continuado a ser reutilizadas.

Não se tratava de um povoado permanente; tudo indica que poderia ter funcionado como um lugar de encontro para distintas comunidades do território, espaço de práticas coletivas com forte carga identitária.

Este sítio foi identificado no âmbito de prospeções arqueológicas locais, em finais da década de 1980 e, de imediato, alvo de estudo por uma equipa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. As investigações revelaram um monumento singular, transformado ao longo de milénios. Parte dos materiais recuperados encontram-se hoje no Museu da Casa Grande, em Freixo de Numão.

Estrutura onde foram depositadas milhares de sementes.

ENTRADA

TORREÃO 1

TORREÃO CENTRAL

TORREÃO 2

Rampa ou talude feita de pedra e argila.

Local onde foram encontrados ossos humanos.

Este recinto terá contado com várias entradas, sete no total. As comunidades que aqui se reuniam utilizaram todas elas, no entanto, e por esta entrada que hoje se inicia o percurso. Atravessar este limiar é entrar no coração do monumento.

MFC2026A
anyformdesign.com

Município de Foz Côa

#Feito por humanos raros

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO
PRAZO

O sítio arqueológico do Prazo testemunha uma ocupação humana prolongada, que atravessa vários milénios, desde a Pré-História até à época contemporânea, refletindo uma relação contínua entre as comunidades e o território do Douro. Entre as múltiplas fases de ocupação identificadas, iniciadas no Neolítico Antigo, destacam-se o período romano e os vestígios bem preservados de uma Igreja paleocristã.

HABITAT

- No patamar superior do sítio reconhecem-se estruturas interpretadas como habitat da Idade do Ferro, com evidências de tratamento de cereais, revelando uma nova fase de ocupação do sítio.

Num vale fértil e resguardado, o Prazo ocupa um planalto de meia encosta, marcado por uma paisagem profundamente humanizada. A abundância de nascentes, terras férteis para o cultivo e pastoreio, bem como a proximidade de recursos naturais e de antigos eixos de circulação, ajudam a compreender porque este lugar foi escolhido e reutilizado por diferentes comunidades, ao longo de milénios.

A ESTÁTUA-MENIR

O menir do Prazo é um dos testemunhos mais antigos da dimensão simbólica deste lugar. Datado do Neolítico, este monumento megalítico, talhado em granito, integra práticas sociais e rituais das comunidades pré-históricas que aqui se reuniam. A sua presença revela que, desde tempos remotos, o Prazo foi mais do que um espaço de habitação: foi também um lugar de significado, memória e identidade coletiva.



ZONA TERNAL

Na villa romana do Prazo identificam-se vestígios de práticas de higiene e bem-estar. Interpretados como termas, comprovados pela presença de tanques para aquecimento de águas e de pavimentos em opus signinum (argamassa romana impermeável).

FORNO DE SECAR FIGOS

Construção vernacular do início do século XX, este forno testemunha a continuidade do Prazo, já em contexto agrícola.

B

B IGREJA PALEOCRISTÃ

Sobre estruturas anteriores, ligadas à ocupação romana do sítio, foi edificada uma Igreja, integrando-se na reorganização cristã do território durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Este espaço assumiu funções religiosas e funerárias, como o comprovam as sepulturas identificadas no interior e na sua envolvente. Ao longo da Idade Média, a Igreja conheceu fases de ampliação e uso contínuo, antes de ser progressivamente reaproveitada para atividades agrícolas.



Reconstituição com base em trabalhos arqueológicos.

Vestígios de um murete e marcas identificadas em várias rochas sugerem a existência de estruturas habitacionais leves, interpretadas como cabanas pré-históricas adaptadas à pedra. Estes indícios apontam para ocupações do Neolítico, revelando formas antigas de habitar e de organizar o espaço.

No patamar inferior do Prazo, o espaço ganha uma clara vocação produtiva. Aqui desenvolviam-se atividades ligadas à transformação e ao armazenamento de produtos, como a metalurgia do ferro e a produção de vinho, revelando a importância económica do sítio entre os séculos II e IV d.C.

CRONOLOGIA	IDADE DO FERRO (C. Sécs. VIII-I a.C.)	ÉPOCA ROMANA (C. Sécs. I-IV d.C.)	ANTIGUIDADE TARDIA / ALTA IDADE MÉDIA (C. Sécs. IV-X)	IDADE MÉDIA (C. Sécs. X-XIII)	ÉPOCA MODERNA E CONTEMPORÂNEA (Sécs. XVI-XX)
NEOLÍTICO ANTIGO (c. VI-V milénio a.C.)	O sítio conhece uma nova fase de ocupação, materializada em estruturas de habitat e evidências de tratamento de cereais, revelando novas formas de organização e uso do espaço.	Estabelecimento rural do tipo villa, composto por uma área residencial associada a edifícios com função económica.	Uma Igreja é construída sobre estruturas da villa, marcando a cristianização do lugar e a continuidade da ocupação do sítio.	A Igreja mantém funções religiosas e funerárias ao longo de vários séculos, antes do abandono progressivo do local como núcleo habitacional.	Após o abandono, o sítio continua a ser reutilizado para atividades agrícolas, como testemunha o forno de secar figos. Trabalhos agrícolas trouxeram à superfície materiais arqueológicos, conduzindo à identificação do sítio e ao início das escavações arqueológicas, a partir da década de 1980.